



EDITORIAL

A Revista Universo Contábil (RUC), ao publicar o quarto número do ano 2021, na área de contabilidade gerencial, apresenta um artigo, o qual trata das contradições institucionais e a práxis humana que moldam o processo de institucionalização dos artefatos de controle gerencial em um Instituto de Previdência Social. Na linha de contabilidade financeira, esta edição apresenta quatro artigos. O primeiro aborda os determinantes do desempenho econômico-financeiro das operadoras de planos de saúde no Brasil e sua relação com a qualidade das informações contábeis. O segundo analisa os efeitos da agressividade tributária sobre a rentabilidade de empresas brasileiras em processo de recuperação judicial. O terceiro procura identificar mecanismos de governança da informação contábil. O quarto estudo trata de evidências da persistência na indústria bancária brasileira em relação ao lucro contábil e resultado recorrente. Na área de educação, esta edição contempla um artigo, que aborda o narcisismo nas redes sociais e comportamentos de procrastinação acadêmica na pós-graduação *stricto sensu* na área de negócios. Na linha de finanças, esta edição apresenta um estudo sobre a influência dos ciclos econômicos na relação entre desempenho empresarial e estrutura de capital das companhias de capital aberto do Brasil.

O primeiro artigo, de autoria de Nádia Mar Bogoni, Vinícius Costa da Silva Zonatto e Carlos Eduardo Facin Lavarda tem como objetivo compreender como as contradições institucionais e a práxis humana moldaram o processo de institucionalização dos artefatos de controle gerencial em um Instituto de Previdência Social. A partir de um estudo de caso com coleta de dados por meio de entrevistas, documentos e observações *in loco* no Instituto de Previdência Complementar denominado IPPasso, os autores verificaram que as pressões podem ser econômicas, de mudança cultural ou de conflito de interesses, que se tornam o motor da mudança institucional a fim de atender aos interesses dos indivíduos. Os controles gerenciais implantados passaram a ser utilizados por todos e foram institucionalizados como parte da rotina do Instituto, auxiliando no controle, gestão, prestação de contas da sociedade, além de auxiliar na redução de fraudes.

Lauren Dal Bem Venturini, Vanessa Noguez Machado, Carlos Eduardo Schonerwald da Silva e Romina Batista de Lucena de Souza analisaram a influência dos ciclos econômicos na relação entre desempenho empresarial e estrutura de capital, com base em uma amostra de 126 companhias não financeiras listadas na B3 S/A - Brasil, Bolsa, Balcão (B3), no período de 1998 a 2019. Os resultados apontam para uma relação negativa entre o Endividamento a Mercado e o Endividamento Contábil com o Retorno sobre Ativos e Retorno sobre Investimento, mas significativa apenas em períodos de recessão. Por outro lado, o Retorno sobre o PL demonstrou relação significativa com o endividamento em todas as fases analisadas. Os autores constataram que, dependendo do momento econômico, períodos de expansão (depressão) fazem com que as empresas recorram a menos (mais) dívidas em sua estrutura de capital, alterando seu desempenho empresarial.

O terceiro artigo, de autoria de Anelisa de Carvalho Ferreira e Antônio Artur de Souza, avaliou a qualidade da informação contábil (QIC) e a sua relação com os determinantes de desempenho econômico-financeiro das operadoras de planos privados de saúde no Brasil, no período de 2008 a 2017. Os resultados indicam que segregar as análises do desempenho das operadoras de planos de saúde (OPS) brasileiras por modalidades e por portes é mais importante e, nesse sentido, determinante para explicar a qualidade da informação contábil (QIC), o que não se constatou com as segregações

por cobertura. Os resultados evidenciam ainda que as variáveis explicativas do desempenho econômico-financeiro determinantes para explicar a QIC são endividamento (END), composição do endividamento (CE), despesas de comercialização (DC) e imobilização do ativo (IMOB). Os modelos finais permitiram aos autores concluir que a QIC é influenciada positivamente pelo desempenho econômico-financeiro das operadoras, pelas variáveis determinantes END, CE e DC.

Analisar os efeitos da agressividade tributária sobre a rentabilidade de empresas brasileiras em processo de recuperação judicial foi o objetivo do estudo de Anderson Monteiro de Andrade, Aline Silva Corrêa de Castro, Roberto Fonseca de Aguiar e José Augusto Veiga da Costa Marques. Esses autores analisaram 360 demonstrações anuais de 138 empresas que entraram com pedido de recuperação judicial junto ao Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro entre os anos de 2017 e 2019. Utilizaram como *proxies* da agressividade tributária a *Effective Tax Rate* (ETR) e a *Book-Tax Difference* (BTD), e como *proxy* da rentabilidade o *Return on Asset* (ROA). Os resultados apontaram que, no geral, quanto maior for o nível de agressividade fiscal, maior será a rentabilidade das empresas em recuperação judicial. Ao considerar que este achado foi mais consistente para a agressividade medida pela diferença entre o lucro contábil e o tributável e que a alavancagem demonstrou um impacto relevante sobre a rentabilidade, este estudo visa contribuir para que as empresas em recuperação judicial verifiquem o *trade-off* entre os custos e os benefícios gerados por um planejamento tributário mais agressivo.

Camila de Oliveira, Ariel Behr e Giovana Sordi Schiavi são os autores do artigo que objetiva identificar mecanismos que possam ser utilizados para governar a informação contábil, tendo como elementos norteadores os Mecanismos de Governança de TI e de Governança da Informação. Os autores iniciam com uma revisão sistemática de literatura, apresentando lista consolidada de Mecanismos de Governança (de TI e da Informação) baseados nas práticas de Processo, Estrutura e Relacionamento. Depois, conduzem entrevistas com especialistas contábeis para obter uma listagem desses mecanismos adaptados para a Contabilidade. As contribuições do estudo centram-se na apresentação consolidada de mecanismos de Processo, Estrutura e Relacionamento que não pretendem exaurir o tema, e no seu uso para um melhor processo decisório.

O sexto artigo desta edição, de autoria de Raíssa Aglé Moura de Sousa, José Alves Dantas, Monize Ramos do Nascimento e Rodrigo de Souza Gonçalves, tem por objetivo testar empiricamente se a medida de resultado recorrente é mais persistente do que o lucro líquido contábil divulgado nos relatórios financeiros dos bancos brasileiros. A premissa assumida pelos autores é que essas entidades utilizariam a classificação de itens de resultado como não recorrentes, de forma a propiciar medidas de resultados mais persistentes, mais úteis nas avaliações das ações das entidades. Para esse fim, estimaram modelos de persistência dos resultados contábil e recorrente, utilizando duas amostras de dados de 27 bancos brasileiros listados e/ou de porte relevante. Os resultados apontam evidências de que tanto a medida de resultado recorrente quanto o lucro líquido contábil são persistentes e que os parâmetros de persistência dos resultados recorrentes são consistentemente maiores do que os do lucro líquido contábil. Esses achados contribuem para a evolução da literatura de medidas não-GAAP, especificamente de resultados recorrentes, como um indicador de persistência do lucro.

Para finalizar este quarto número de 2021, apresentamos o artigo desenvolvido por Pavel Elias Zepeda Toro e Flaviano Costa, que analisaram a relação entre a intensidade do narcisismo evidenciado nas redes sociais e os comportamentos de procrastinação acadêmica de estudantes brasileiros de pós-graduação *stricto sensu* na área de negócios. A amostra foi composta por 605 alunos de pós-graduação da área de negócios, os dados foram analisados por meio de análise fatorial exploratória e testes de correlação. Entre os resultados encontrados, os mestrandos apresentam maior intensidade de narcisismo virtual, comparados aos doutorandos. Este estudo se destaca pois, apesar da abundância de publicações relacionadas ao narcisismo clínico, a pesquisa empírica sobre traços de personalidade ou narcisismo subclínico é considerada relativamente recente, principalmente quando

se trata desse novo aspecto denominado narcisismo digital e sua ligação com a procrastinação acadêmica.

A partir da publicação desses estudos, a RUC procura fomentar novos temas de pesquisa e novas contribuições científicas sobre os assuntos tratados neste número. Agradecemos aos autores e avaliadores por sua valiosa contribuição! Desejamos a todos excelente leitura.

Saudações
Roberto Carlos Klann (Editor Geral)